



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO
IF BAIANO - *Campus* Senhor do Bonfim
Licenciatura em Ciências Agrárias

JOSÂINE CONCEIÇÃO DA SILVA

**EVASÃO DE TRABALHADORES DE CASAS DE
FARINHA NO DISTRITO DE IGARA - BA**

Senhor do Bonfim, BA
2023

JOSÂINE CONCEIÇÃO DA SILVA

**EVASÃO DE TRABALHADORES DE CASAS DE
FARINHA NO DISTRITO DE IGARA - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado em forma de artigo ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Agrárias do IF BAIANO – *Campus Senhor do Bonfim*, para aprovação em defesa perante banca examinadora.

Orientador(a): Profº(a): ALESSANDRA OLIVEIRA DE ARAUJO.
Co-Orientador(a): Profº(a): RENILDE CORDEIRO DE SOUZA.

Senhor do Bonfim, BA
2023

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 6 |
| 2. REVISÃO DA LITERATURA..... | 7 |
| 3. METODOLOGIA..... | 11 |
| 3.1 Método de Abordagem | 13 |
| 3.2 Métodos de Procedimento | 13 |
| 3.3 Técnicas..... | 13 |
| 3.4 Delimitação do Universo | 14 |
| 3.5 Dados a Obter | 14 |
| 3.6 Tipo de Amostragem | 14 |
| 3.7 Instrumentos de Pesquisa | 14 |
| 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES | 14 |
| 5. CONCLUSÃO..... | 22 |
| REFERÊNCIAS..... | 24 |
| APÊNDICES | 27 |
| AGRADECIMENTOS | 33 |

EVASÃO DE TRABALHADORES DE CASAS DE FARINHA NO DISTRITO DE IGARA – BA

Josâine Conceição da Silva¹

RESUMO

Este estudo objetivou identificar, para contextualizar, no espaço-tempo, a situação sobre a evasão dos trabalhadores em casas de farinha no Distrito de Igara do município de Senhor do Bonfim – BA. A análise sobre os motivos de uma possível grande evasão de trabalhadores das casas de farinha foi fundamental para obter uma fundamentação da situação predominante para alcançar e entender a visão geral desses motivos, do abandono de trabalho nestes locais, e salientar a importância das casas de farinha para o distrito e a cultura da produção de farinha. Foi utilizado nesta pesquisa o método qualitativo e quantitativo para investigar os motivos do afastamento ou evasão de pessoas que trabalham e/ou trabalhavam nestas casas de farinha. O trabalho foi construído por meio das contribuições de 20 pessoas (8 homens e 12 mulheres) que se identificam/identificavam como produtores de farinha.

Palavras-chave: Casas de farinha. Exploração. Evasão. Trabalhadores. Distrito de Igara.

ABSTRACT

This study aimed to identify, in order to contextualize, in space-time, the situation regarding the evasion of workers in flour mills in the District of Igara in the municipality of Senhor do Bonfim - BA. The analysis of the reasons for a possible large dropout of workers from the flour mills was fundamental to obtain a foundation of the prevailing situation in order to reach and understand the overview of these reasons, the abandonment of work in these places, and to emphasize the importance of the flour mills for the district and the flour production culture. The qualitative and quantitative method was used in this research to investigate the reasons for the removal or evasion of people who work and/or worked in these flour mills. The work was built through the contributions of 20 people (8 men and 12 women) who identify themselves as flour producers.

Keywords: Flour mills. Exploration. Workers. District of Igara.

¹ Estudante de Licenciatura em Ciências Agrárias/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano IF BAIANO – Campus Senhor do Bonfim. E-mail: josainesilva015@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Desde o período colonial no Brasil existem casas de farinha, onde são os lugares nos quais acontece o processamento da transformação da mandioca em farinha. É a partir do tubérculo da mandioca que são produzidos a farinha seca, a farinha de tapioca, o tucupi e a goma ou fécula. Esse tipo de trabalho e o alimento são muito comuns nas regiões Norte e Nordeste do Brasil em que a concentração de pessoas de baixa renda é maior. São alimentos utilizados como subsistência familiar, além de remeter a uma tradição muito antiga que vai passando de pais para filhos (SANTOS, 2021).

O trabalho em casas de farinha possibilita fonte de renda para o sustento das famílias, mesmo sendo um trabalho manual, pesado e provavelmente de pouca renda. Mesmo assim, faz com que essas pessoas mantenham a cultura desse trabalho ainda intactos.

Muitas casas de farinha vêm sendo fechadas por falta de pessoas que ainda desejam continuar no ramo, ou porque conseguem algum outro tipo de trabalho deixando a tradição da família, ou por falta de incentivo da própria comunidade. Além dos motivos citados acima, outro fator que merece destaque está relacionado às condições de trabalhos ali existentes. É importante frisar que é um espaço físico onde se reúnem para trabalhar além da família, vizinhos e amigos da comunidade.

Segundo Santos et al (2018) as casas de farinha definem não somente um espaço produtivo, mas um fenômeno de sociabilidade como forma natural de “sociação” fazendo uma analogia entre a realidade e o lúdico, ou seja, relaciona o concreto das interações sociais com o sentimento de satisfação derivadas da “sociação” entre indivíduos na forma de uma unidade, pois congratula vínculos parentais no processo de produção.

A sociabilidade vem a ser o espaço onde a interação sai dos meandros formais e entra, de acordo com Santos et al (2018), no âmbito do jogo, da conversa, “despretensiosa” como uma forma lúdica de sociação, pois toda a sociabilidade é um símbolo da vida, quando essa surge no fluxo das relações e interações entre seus envolvidos. Ou seja, através disto, mostra que as casas de farinha não são apenas espaços de trabalho em si, mas mostra que são lugares que podem ocorrer através da atividade laboral, o vínculo, o respeito e a socialização entre todos os indivíduos que ali trabalham.

Nesse espaço, a função de cada trabalhador é específica, em geral, os homens ficam com o trabalho mais pesado, como as máquinas, exposição à fumaça e as altas temperaturas

dos fornos, bem como ao contato direto com o pó da farinha em suspensão no ar, por conta do manuseio do forno e do peneiramento, já as mulheres ficam no processo de raspagem das mandiocas, no processamento da tapioca, vendas, entre outros.

As casas de farinha são lugares que apresentam precariedade nas instalações, na estrutura e manutenção dos equipamentos, contribuindo para o acontecimento de acidentes, já que são espaços com nenhum tipo de fiscalização ou manutenção.

As casas de farinha utilizadas para o estudo foram construídas há vários anos através de uma doação do Padre Luís Tonetto, em que foram construídas quatro casas de farinha. O Padre fez uma doação de todo o material de construção para o levantamento das mesmas, para que assim houvesse oportunidades de trabalho para a comunidade local, uma vez que havia produção significativa de mandioca. Existiam várias casas de farinha antigas construídas de madeira e palha, e através dessa doação obteve-se melhora das condições de trabalho das pessoas envolvidas na atividade.

As casas de farinha ficam localizadas na Rua Maria Quitéria, S/N no Distrito de Igara no município de Senhor do Bonfim – BA. A localização geográfica das casas de farinha é Latitude -10.39981, Longitude -40.11503.

2. REVISÃO DA LITERATURA

A forte influência indígena na produção de farinha pode ser vista não somente nos nomes de produtos e instrumentos ou nas próprias técnicas, mas também na organização do trabalho e nas casas de famílias como centro e modo de produção. Segundo Santos et al (2018) as famílias mais pobres fabricavam a farinha à noite dentro de suas próprias casas em suas cozinhas, onde já ficavam a roda de ralar, a prensa e o famoso e antigo forno à lenha. Nas terras ou propriedades onde houvesse mais espaço e melhores condições e benfeitorias, surgiam às famosas casas de farinha. Ali o modo de se produzir a farinha não mudou muito em relação à maneira como os indígenas faziam, e assim permaneceu por séculos até o momento atual.

O Distrito de Igara - Ba era conhecido pela grande quantidade de casas de farinha nele existente no passado, sendo o cultivo da mandioca, ali, o principal motivo para o surgimento e seguimento destes locais de trabalho. Da mesma forma, os pequenos agricultores do Distrito têm cultivado a mandioca, bem como produzido farinha em pequenas casas de farinha,

rústicas que possuem como base a utilização de mão-de-obra familiar em suas propriedades, ou seja, observa-se ainda, que a produção da farinha de mandioca realiza-se, regionalmente, em pequenas unidades de beneficiamento.

A casa de farinha representa a base de agricultura familiar, proporcionando um produto que é parte essencial da alimentação do nosso povo e responsável pelo sustento e a sobrevivência de muitas famílias em todas as regiões. De acordo com Vitória, S. (2022) é importante ressaltar que a farinha é um produto de subsistência, de cunho histórico-cultural e que alimenta crianças e muitas famílias. O processo envolve pais, mães, filhos, avós e toda a família e é, essencialmente, um alimento para consumo e compartilhamento com a comunidade.

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2019) ressalta, mais do que um local de fabricação de produtos alimentícios, as casas de farinha reforçam os laços de pertencimento e identidade das comunidades que enxergam a grande importância da produção de mandioca e dessas pequenas fábricas para suas vidas, especialmente e visualmente quando se tratam de populações da zona rural.

Em espaços de regiões subdesenvolvidas, em que o baixo nível educacional, atrelado a condições de existência de uma cultura de carências econômicas, obriga os trabalhadores a aceitarem o que lhes estiver ao alcance para sobreviverem, mesmo que violando qualquer direito social conquistado ao longo do tempo. A propósito, como aponta Cardoso (2012), a mandioca é um produto com múltiplos usos e alternativas de renda, acrescentando que, se cultivada de forma adequada, permite maior sustentabilidade dos sistemas de produção.

As casas de farinha são espaços antigos que vem desde o Brasil colonial, e esses espaços continuam sendo importantes para muitas famílias que tiram o sustento e conseguem sobreviver diante de tantos empecilhos que ainda existem. A farinha é um dos alimentos mais consumidos desde a época colonial. Andréa Pacheco, Solange Santos e Cláudio Castilho (2017) diz que a atividade das casas de farinha é considerada antiga e, no Brasil, com registro já do século XVI, no período colonial, época em que dividiu espaço com outra cultura, a cana de açúcar.

A importância das casas de farinha como fonte de renda atualmente é mais forte, principalmente em regiões como Norte e Nordeste, especialmente nas zonas rurais, onde praticamente tem mais pessoas que tem uma renda mais baixa e utilizam desse trabalho para sustentar suas famílias. Mas no momento atual esses espaços vêm desaparecendo com o

tempo por motivos diversos, sejam eles por êxodo rural, falta de incentivo ou mesmo pelo fato de que a modernidade tecnológica vem evoluindo. Carlos Santos (2021) afirma:

Outro fato importante diz respeito às relações de trabalho e subsistência. Como a família não consegue gerar renda e trabalho para todos e como a casa de farinha não conseguiu acompanhar ou desfrutar da modernização tecnológica, o trabalho familiar vem, aos poucos, desaparecendo. Os jovens já não querem dar continuidade ao trabalho dos seus pais, ou seja, continuar com a tradição familiar (SANTOS, 2021, Pág. 3).

Francisco (2017) fala sobre a importância de ressaltar que a casa de farinha remete às memórias dos farinheiros, aos gostos e sabores, ao tempo em que havia um circuito de farinhadas em grande parte das comunidades rurais. Contudo, em tempos de padronizações dos alimentos, muitas formas de produção tradicionais estão em transformação.

Almeida e Ledo (2006) demonstram que a mandioca é cultivada em todas as regiões do Brasil, sobretudo sobrepõe-se naquelas marcadas pela permanência de fortes desigualdades sociais e exploração do trabalho tais como o Norte e o Nordeste. Embora sua raiz ofereça diversas alternativas, a quase totalidade do seu uso, nestas duas regiões, é voltada para a produção de farinha.

Independente de inúmeras casas de farinha terem sido abandonadas, algumas chegando até a cair pela ação do tempo, ainda há muitas que persistem e se tornam um ambiente vivo para compreensão das práticas e modos de vida associados à atividade de elaboração artesanal da farinha de mandioca naquela realidade. Renata Oliveira, Jaqueline Santos e Daniela Zuliani (2019) declaram:

As casas de farinha no nordeste brasileiro são um importante elemento da cultura regional associada aos produtores de mandioca, pois por meio delas fazem o beneficiamento de sua produção, realizando a transformação da raiz em diversos produtos utilizados tanto para consumo próprio, quanto para comercialização. Com a modernização da agricultura, promovida a partir da década de 1960, os modos de produção passam a ser transformados por diversos fatores, entre eles a introdução de maquinário, resultando em novas forma de se pensar a relação produtor, produto e mercado (OLIVEIRA, SANTOS e ZULIANI, 2019, Pág. 60-61).

Para efeito, quando se introduzem novas tecnologias de trabalho levando-se em conta o aumento da produtividade visando apenas ao lucro, uma parte dos trabalhadores infelizmente é dispensada e a parte que permanece no processo produtivo é obrigada a provavelmente sujeitar-se a exigências que aumentam ainda mais a carga da sua exploração.

Contudo, muito embora as tecnologias também possam ser úteis ao trabalho e ao homem, transparece que é o seu lado negativo que se tem evidenciado de maneira mais clara.

Mas o que é realmente uma casa de farinha? O que remete a casa de farinha? Qual sua real importância? Segundo Francisco de Araújo (2016):

Os pouco informados se apressarão em dizer que é um simples espaço onde se faz farinha e que suas características físicas e o modo como se faz farinha nas chamadas farinhadas ainda é marcado por técnicas e ferramentas rudimentares aí presentes desde o período colonial quando era usada por indígenas e desbravadores. Ora, rotular a casa de farinha como mero espaço concreto e as farinhadas como meros resquícios das práticas folclóricas é não atentar para as significativas relações que se desenrolam no dia a dia de uma farinhada. [...] esses espaços representavam o lugar onde se produzia em certos períodos do ano – agosto a novembro – muitos alimentos derivados da mandioca: farinha e goma com que se faziam beijus e tapiocas de forno e, como tudo que é histórico, desde então, passou por significativas mudanças [...]. (ARAÚJO, 2016, Pág. 238).

Então por assim dizer, as casas de farinha é o que podemos chamar de lugar de lembranças ou memórias, ou seja, esses lugares remetem aos homens das farinhadas que trazem grandes marcas, às vezes inapagáveis, na lembrança e no próprio corpo que também podemos chamar de uma ferramenta importante neste processo produtivo. De acordo com Francisco (2017) as casas de farinha são este lugar particular e originais onde dezenas de trabalhadores envolvidos num processo de produção singular deixaram e deixam sua marca e que foram e são marcados historicamente por a luta pela sobrevivência de médios e pequenos agricultores no interior do Brasil.

A produção de farinha pode ser entendida aqui como um movimento natural do homem que ao se afrontar com a natureza e com os recursos que dela provém, transforma e se transforma, modifica e também pode ser modificado pelas reações naturais. Através desse conceito e abarcando em teor com a educação, comprehende-se que os espaços de sociabilidade das farinheiras e de seus vínculos na produção remetem à importância e a transferência do saber de ofício no trabalho executado. Diante disso, observa-se uma aproximação do trabalho com o aprendizado do ofício e, com, isso o trabalho revela-se como uma dimensão educativa, ou seja, “aprender trabalhar trabalhando”, como diz Saviani (2007). O trabalho como prática educativa socializada, o espaço e organização das casas de farinha incorporam saberes e práticas educativas que surgem das relações de convivência. Como destaca Oliveira (2008):

Trata-se de saberes de experiência que foram adquiridos ou socializados nos fazeres cotidianos de homens e mulheres, que por serem sujeitos da práxis, constroem seus projetos de vida, resistem e “tecem representações sobre o mundo vivenciado” (OLIVEIRA, 2008, p.64).

As famílias do Distrito de Igara buscam preservar seus significados, nos quais resultam nas antigas tradições. Mas sabe-se que ao longo de um processo histórico as técnicas atuais vão promovendo novas mudanças no espaço e nas relações sociais e, por sua vez, no modo de vivência nos grupos que precisam ir se adequando às mudanças, mesmo mantendo as tradições de outrora por intermédio da memória coletiva. Mesmo que muitas tradições são extintas, as memórias coletivas propagadas pelos moradores do local persistem (AMARAL e ALVES, 2017).

É importante compreender que as casas de farinha são muitas significativas na atualidade, elas identificam o seu papel de preservação da cultura e tradição associadas às práticas alimentares locais. O fechamento desses ambientes de trabalho faz com que a cultura do local deixe de existir e aquelas famílias que dali tirava sua renda são obrigadas a deixarem esse ramo pela falta de apoio, falta de pessoas para trabalhar, e tal situação é motivada também, entre outros fatores, como a degradação do solo ocasionada pelo uso de queimadas, já que tem muitas pessoas que não conhecem os vários pontos negativos que as mesmas podem trazer para o solo, fazendo assim, que a produção de mandioca seja negativa, e ainda, a fragilidade das políticas públicas voltadas ao meio rural.

Segundo Renata Oliveira, Jaqueline Santos e Daniela Zuliani (2019) abordam que a casa de farinha para os agricultores é reconhecida como uma representação de muitas lutas, um espaço de transformação de vida, para aqueles que sempre trabalharam, a casa de farinha representa a concretização de um sonho, construído com muito esforço. Mesmo em situações de trabalho provavelmente precárias, ainda assim, essas pessoas estão ali para representar uma cultura tão importante e significativa para o local.

3. METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa de método qualitativo e quantitativo, o método qualitativo é muito importante em um estudo de caso para se ter um levantamento empírico de uma situação de um determinado grupo ou empresa (MICHEL, 2005). Knechtel (2014) assevera

que, tanto a pesquisa qualitativa quanto a quantitativa têm como foco principal o ponto de vista do indivíduo. Enquanto a pesquisa qualitativa considera a proximidade com o sujeito, na pesquisa quantitativa são usados materiais e métodos precisos. De acordo com Michel (2005), na pesquisa qualitativa a verdade não se comprova numérica ou estatisticamente, entretanto convence na forma de experimentação empírica, a partir da análise feita detalhadamente, abrangente, consistente e coerentemente, assim como na argumentação lógica das ideias. Por este motivo, ela é mais utilizada e necessária nas ciências sociais, onde o pesquisador participa, comprehende e interpreta. Já o método quantitativo baseado no positivismo, por muito tempo assegurou que a análise de resultados mensuráveis daria maior sustentabilidade às pesquisas, uma vez que se refutavam resultados ambíguos, dando maior credibilidade às informações coletadas.

Para investigar os motivos do afastamento ou evasão de pessoas que trabalham e/ou trabalhavam nestas casas de farinha, foi realizada uma entrevista para absorver e compreender as circunstâncias dessas desistências. Segundo Duarte (2004) “entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados”. Essa entrevista foi formulada para obter maiores informações da pessoa entrevistada e do local.

A análise de documentos históricos aos quais moradores mais antigos do Distrito continham, também foi fundamental para obter informações concretas sobre a história dessas casas de farinha e obter uma visão geral do todo. A pesquisa de campo foi introduzida nessa pesquisa para obter respostas mais assertivas ao coletar informações relevantes. Gonsalves (2001, p.67) citado por Maria Piana (2009) afirma, “a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]”. A pesquisa de campo é primordial para haver certa visão geral do que será feito em toda a pesquisa e com isso tirar proveito para ter uma experiência de como todo o trabalho é realizado e o que se passa dentro dessas casas de farinha.

As entrevistas semiestruturadas ou diretivas (Apêndices) foram aplicadas entre os meses de abril e maio a produtores da casa de farinha. O questionário foi constituído de 12 itens relativos ao trabalho realizado na casa de farinha do Distrito de Igara, município de

Senhor do Bonfim-BA, juntamente da entrevista feito com os participantes, tem-se como objetivo de alcançar respostas fundamentadas, essenciais e significativas para a pesquisa. De acordo com Gerson Luís Moysés e Roberto Moori (2007), um questionário é um conjunto de questões elaboradas para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos de um projeto de pesquisa.

Foi realizada uma visita à Associação dos Trabalhadores Rurais do Distrito de Igara-Ba juntamente com os atuais e antigos trabalhadores para haver um diálogo, e disto, feito à análise dos documentos históricos referentes às casas de farinha para compreender e conhecer o porquê de serem construídas, a história, antigos trabalhadores e todo o processo histórico.

O trabalho foi construído por meio das contribuições de 20 pessoas (8 homens e 12 mulheres) que se identificam/identificavam como produtores de farinha. No trabalho de campo construiu-se um ambiente pautado pela confiança, onde a observação participante estabeleceu uma linha de diálogo mais fluída.

3.1 Método de Abordagem

Pesquisa de campo e anotações em um diário de bordo, entrevistas e aplicação de um questionário semiestruturado.

3.2 Métodos de Procedimento

Investigar o grupo a ser estudado e através disso fazer a aplicação do questionário com cada indivíduo participante da pesquisa.

3.3 Técnicas

A pesquisa foi desenvolvida com o método qualitativo e quantitativo. Entretanto, antes disso foi realizada uma sondagem bibliográfica e científica para a compreensão da elaboração da pesquisa.

3.4 Delimitação do Universo

O abandono dos trabalhadores das casas de farinha no Distrito de Igara do município de Senhor do Bonfim-Ba.

3.5 Dados a Obter

Quais motivos que levaram os trabalhadores a desistirem de trabalhar nessas casas de farinha?

3.6 Tipo de Amostragem

Foi observado e estudado um grupo de indivíduos no Distrito de Igara para que houvesse um levantamento dos dados através de entrevistas e questionários.

3.7 Instrumentos de Pesquisa

Foi realizadas visitas à casa de farinha estudada para ter um conhecimento geral das circunstâncias e por meio de entrevistas e um questionário semiestruturado terem a obtenção dos dados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante dos resultados obtidos, a pesquisa apresentou diferente ou até mesmo opiniões semelhantes através de 12 perguntas elaboradas para obtenção do levantamento e uma análise de todo o processo. A pesquisa foi feita com 20 pessoas que trabalham/trabalhavam nas casas de farinha e todas as perguntas foram desenvolvidas por meio de um questionário semiestruturado, ou seja, com perguntas pré-estabelecidas e objetivas, fazendo com que o entrevistado respondesse apenas “sim” ou “não”, mas permitindo, diante disso, uma entrevista aplicada ao questionário de forma semi flexível para que fosse extraído o máximo de informações significativas para a pesquisa, possibilitando assim, que o entrevistado ficasse descontraído perante a entrevista.

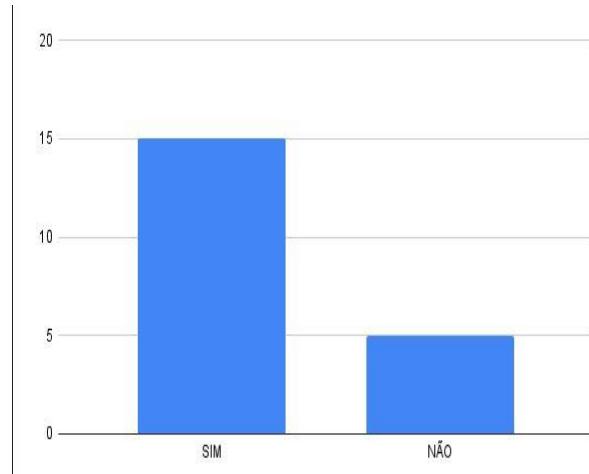
As perguntas para execução da pesquisa foram:

1º Você acha que a falta de incentivo pelas pessoas da própria comunidade e pelas políticas públicas pode gerar o abandono deste ramo de trabalho?

Com relação à pergunta número 1 sobre a falta de incentivo todos os entrevistados da pesquisa, 20 pessoas (100%) responderam “sim” e citaram que as próprias pessoas da comunidade e os representantes políticos não incentivam para que este tipo de trabalho seja mais valorizado e que tenha mais visibilidade. Diante de todas as entrevistas a temática que mais foi citada foram as políticas públicas, mostrando assim, que a falta de incentivo advém mais das mesmas. Carlos Santos (2021) aborda questões como os interesses capitalistas onde as políticas públicas provavelmente se interessem mais por aquilo que traz mais beneficiamento para as mesmas, esquecendo assim da importância desses trabalhos.

2º Você acha que a carga horária neste ramo de trabalho é desgastante?

Figura 2: Gráfico representa 75% das pessoas que acham este trabalho desgastante.



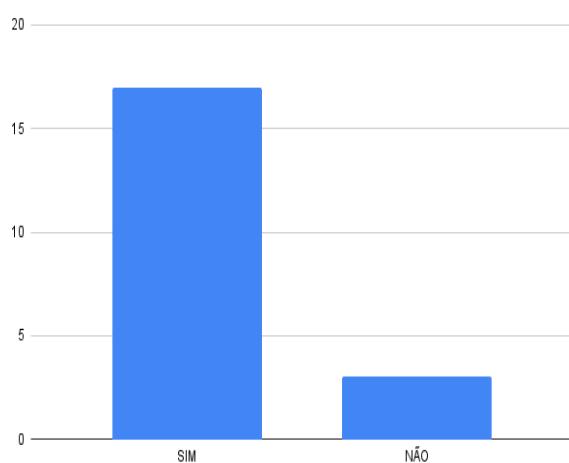
Fonte: dados colhidos pela autora

Sobre a carga horária de trabalho (Figura 2), 75% (15 pessoas) dos entrevistados responderam que achavam a carga horária desgastante, enquanto 25% (5 pessoas) responderam que não. Entretanto, observou-se que os entrevistados que responderam “não” são pessoas que não trabalham nas casas de farinha todos os dias ou todos os turnos do dia,

então isso mostra que o desgaste está mais atrelado ao fato de trabalharem todos os dias, sendo de forma matutina e vespertina. Segundo Farias (2014) os trabalhadores desse ramo costumam levantar muito cedo para trabalhar e só terminar o trabalho no período da noite, principalmente as mulheres raspadeiras de mandioca, então por este motivo faz com que esse ramo de trabalho seja desgastante.

3º É possível que a carga horária de trabalho influencie para que as pessoas abandonem a casa de farinha?

Figura 3: Gráfico representando a influência da carga horária de trabalho na casa de farinha.



Fonte: dados colhidos pela autora

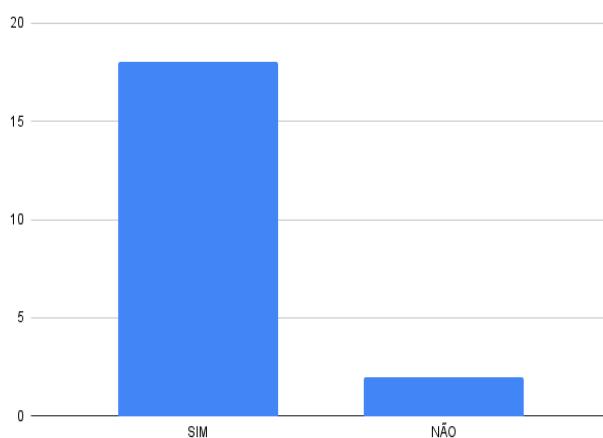
Na figura 3, quando perguntado sobre a possibilidade de a carga horária de trabalho influenciar para que as pessoas abandonem a casa de farinha, 85% (17 pessoas) dos entrevistados responderam que sim, enquanto 15% (3 pessoas) responderam que não.

Diante disso, entende-se que as pessoas que precisam trabalhar todos os dias e em todos os turnos faz com que seja um trabalho bem cansativo e exaustivo, fazendo assim, que muitas pessoas abandonem este ramo. Já os 15% responderam que o trabalho não é tão cansativo mesmo trabalhando todos os dias, e que sim, é um trabalho que dá para lidar com as situações perante toda a situação existente, ou seja, mesmo sendo um trabalho considerado “pesado”.

A 4º questão fala sobre o êxodo rural, sendo um processo que se dá quando pessoas

mudam da zona rural para a zona urbana. Na figura 4, estão descritos o resultado da porcentagem dos entrevistados sobre o trabalho na casa de farinha ou qualquer outro trabalho que envolva a mesma, se pode influenciar para que as pessoas mudem para a cidade em busca de outras oportunidades.

Figura 4: Gráfico representando o predomínio do exôdo rural.



Fonte: dados colhidos pela autora

Ao serem questionados sobre o êxodo rural com relação ao abandono deste trabalho, 90% (18 pessoas) dos entrevistados responderam que sim, que este tipo de trabalho faz com que muitos indivíduos abandonem a atividade no campo para “ter uma vida melhor em outro lugar”. Aqueles que responderam “não” explicaram que “se gosta deste trabalho não faz sentido abandonar, seria melhor procurar melhorar a situação para que outros se envolvessem mais na atividade”. Fonseca et al (2015) diz que no Brasil, o estudo acerca do êxodo rural em particular a região Nordeste está se tornando cada vez mais frequente. O desencadeamento do êxodo rural é uma modalidade de migração em consequência, entre outros fatores, da implantação de um modelo econômico moderno na produção agropecuária, onde afetou profundamente a vida dos agricultores familiares, e entre outros motivos que influenciam para que isso aconteça (FONSECA et al, 2015 Apud VANDERLINDE, 2005).

5º Sobre as questões climáticas, você acha que isso pode interferir na produção de mandioca?

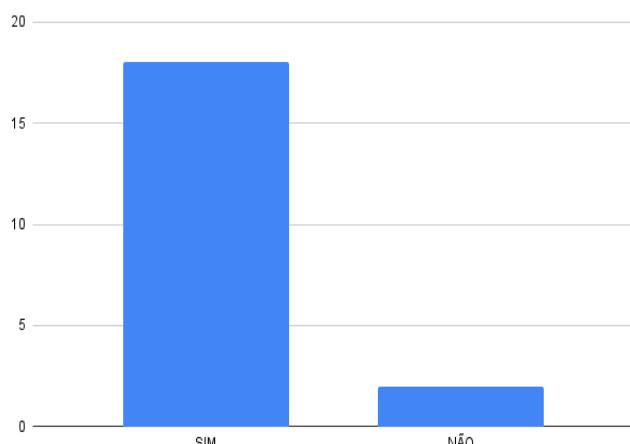
Todos os participantes (100%) ao serem questionados sobre as questões climáticas em

relação à cultura da mandioca, responderam de forma positiva citando a escassez de chuva durante alguns períodos, como o fator preponderante para afetar na produção de mandioca.

De acordo com a EMBRAPA (2003) o que se sabe da mandioca até hoje é que se trata de uma planta muito adaptada ao calor e muito sensível ao frio. Clima perfeito para seu plantio é o quente e úmido. As regiões Norte e Nordeste são as líderes no plantio de mandioca no Brasil, enquanto a região Centro-Oeste é a que menos produz.

6º A cerca das questões climáticas, por exemplo, a falta de chuva pode ocorrer interferência no abandono dos trabalhadores?

Figura 6: Gráfico mostra que a falta de chuva tem uma enorme interferência na desistência dos trabalhadores.



Fonte: dados colhidos pela autora

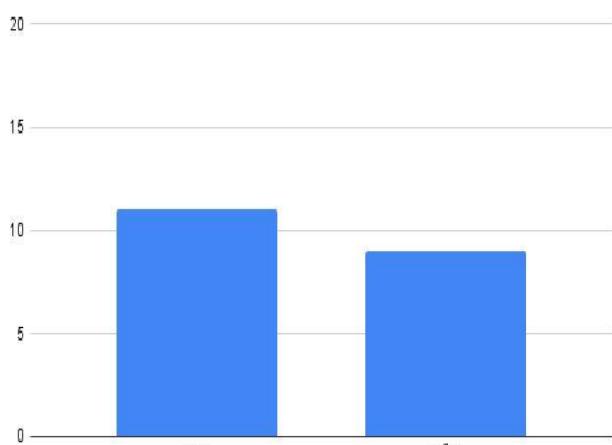
Como citado na questão anterior, foi respondido pelos entrevistados, 90% (18 pessoas) que a falta de chuva também pode interferir na desistência deste ramo de trabalho, onde a frustração e o desespero para sustentar a família faz com que as pessoas abandonem a atividade para ir à busca de outras oportunidades. Os que responderam “não” citaram que mesmo com a falta de chuva em certas ocasiões dar para esperar e conseguir alguma outra atividade em certo período de tempo.

Segundo a EMBRAPA (2003) é importante salientar sobre a chuva em alguns lugares onde há plantio da mandioca, chove até 3 mil milímetros anualmente, mesmo assim, se desenvolve muito bem. Da mesma forma, em locais onde as precipitações chegam aos 500 milímetros somente, as plantas já adultas conseguem se desenvolver, não existe uma

temperatura ideal para a plantação de mandioca, mas abaixo dos 15 °C a planta diminui seu desenvolvimento. Por isso, o plantio dela é mais forte fora do nosso inverno, outro fato, mesmo se desenvolvendo bem com déficit hídrico, ainda assim, com a falta da chuva ou irrigação, seus tubérculos não progridem tanto na sua fase inicial.

A 7º questão mostrada na figura 7, encontra-se o resultado em relação aos entrevistados acharem que a renda obtida nas atividades da casa de farinha é baixa para o sustento.

Figura 7: Gráfico retratando sobre a renda que advém das casas de farinha.



Fonte: dados colhidos pela autora

Ao serem questionadas, 55 % (11 pessoas) falaram que a renda que advém deste trabalho é baixa. A frase mais citada por alguns foi “trabalho pesado, pouca renda”, os outros 45% (9 pessoas) porém responderam que não, dar pra tirar o sustento neste trabalho, mas também foi apontado que vai depender muito das vendas, oriunda das vendas da farinha e outros derivados como o beiju, mas que ainda assim, dar pra obter um renda para o sustento da família.

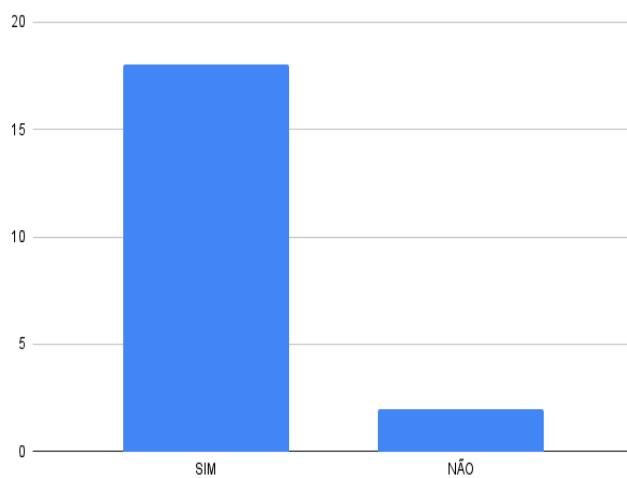
8º Você era/é produtor de mandioca?

Todos os entrevistados (100%) afirmaram ser ou foram produtores de mandioca. Um fator importante é que 17 indivíduos ainda continuam trabalhando no ramo e os restantes não

trabalham. Diante disso, entende-se que todos eles já plantaram/plantam mandioca em suas propriedades rurais.

9º Você compra/comprava a mandioca de terceiros?

Figura 9: Gráfico apresentando se os entrevistados compram/compravam mandioca de outros produtores.



Fonte: dados colhidos pela autora

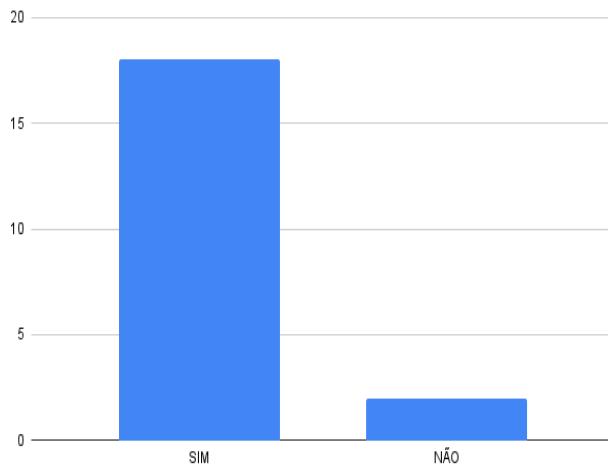
Na figura 9, 90% (18 pessoas) dos entrevistados, citaram que mesmo sendo produtores de mandioca, ainda assim, comprava de terceiros devido à produção própria não suprir a demanda. “às vezes a minha demanda não era suficiente, então comprava de outra pessoa”.

10º Você trabalha/trabalhava na produção de derivados da mandioca?

Todos os entrevistados 100% responderam que além de plantarem a mandioca para a produção de farinha, eles também trabalhavam ou trabalham com outros derivados da mandioca tais como: tapioca, e fazendo o antigo e famoso beiju.

11º Nos dias atuais, ainda conseguem produzir a mandioca de forma bem rentável?

Figura 11: Gráfico representando se nos dias atuais os produtores conseguem produzir a mandioca de forma bem rentável.

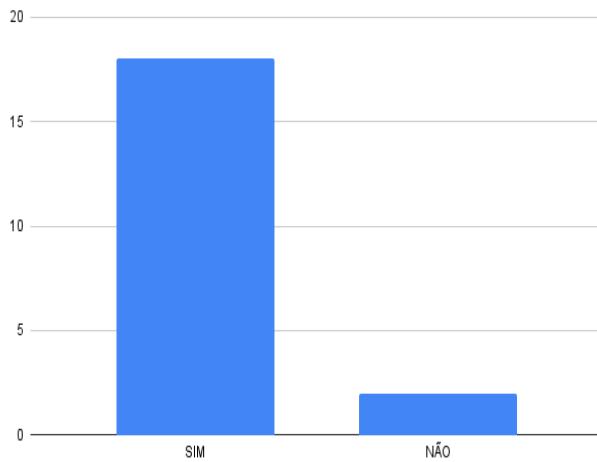


Fonte: dados colhidos pela autora

Com relação à rentabilidade na produção da mandioca, 90% (18 pessoas) dos entrevistados responderam que conseguem produzir a mandioca de forma rentável e, além disso, pontuaram que ainda vale a pena trabalhar neste ramo. Os poucos que responderam “não” 10% (2 pessoas) falaram que o solo não está bom o suficiente para a produção de mandioca e que a falta de chuva também influencia bastante, como citado em outras questões. Nas entrevistas foi abordado que 6 sacas de farinha pode chegar ao preço de R\$ 1.000,00 reais.

12º Sobre as pessoas que ainda trabalham você acha que se houvesse uma sociedade de forma responsável juntamente com a Associação dos Trabalhadores Rurais do local haveria uma redução de abandono deste trabalho?

Figura 12: Gráfico representando se os entrevistados acham importante o vínculo com a Associação dos Trabalhadores Rurais do Distrito de Igara – BA.



Fonte: dados colhidos pela autora

Com relação à questão do Associativismo, 90% dos entrevistados responderam que é muito importante ter o vínculo com a Associação dos Trabalhadores Rurais da comunidade para obter-se mais visibilidade como produtora de mandioca e vendedor de derivados, já os que responderam “não” citam que não acham importante, e que a forma como trabalham atualmente é satisfatório. Segundo o SEBRAE (2021) a mobilização de um grupo de pessoas de uma comunidade para alcançar determinados objetivos fica muito mais fácil e traz melhores resultados se for realizada em parceria com uma entidade associativa. O associativismo viabiliza maior participação e cria espaços de diálogo entre a sociedade organizada e o poder público.

5. CONCLUSÃO

Diante dessa pesquisa, conclui-se que a falta de incentivo através das políticas públicas foi o assunto mais citado nas entrevistas, outros fatores também abordados foram o trabalho desgastante, êxodo rural, influências climáticas, principalmente a chuva, a renda, mesmo tendo uma influência mínima e a falta do associativismo, e que por meio disso, foi feita uma reunião com alguns dos entrevistados para que fosse apresentada uma devolutiva. Ao decorrer da reunião foi tratado sobre a importância do vínculo com a Assosciação dos Trabalhadores Rurais do Distrito de Igara – Ba para que através da mesma, a casa de farinha ganhe mais visibilidade e melhores condições para todos os produtores que ainda trabalham neste ramo e

para que tenham mais força ao reivindicar ações junto ao poder público. A pauta da reunião chamou a atenção de todos, onde ao final, todos aqueles que ainda trabalham concordaram em se associar à Associação para que melhorias na situação possam ocorrer no futuro. Ainda na reunião, foi abordado que será feito um novo projeto juntamente com o atual presidente da Associação citando a importância da cultura para a comunidade, a grande relevância das casas de farinha, e para que também as mesmas sejam reformadas para que os trabalhadores tenham mais segurança e qualidade dos produtos. Este projeto será levado para os representantes políticos da comunidade, uma vez que esta ação foi vista de forma bem positiva e satisfatória pelos entrevistados.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jane Glebia. **CASAS DE FARINHA: SABERES E FAZERES**. Pará, 09 de agosto de 2018. Disponível em: <<http://www.bonnutri.com.br/casas-de-farinha-saberes-e-fazeres.pdf>>. Acesso em: 08 ABRIL. 2022.

ALMEIDA, Clóvis Oliveira de; LEDO, Carlos Alberto da Silva. Perspectivas de crescimento da demanda. In: SOUZA, Luciano da Silva et al. (Ed.). Aspectos socioeconômicos e agronômicos da mandioca. Cruz das Almas: Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical, 2006. 71- 90 p.

AMARAL, U, T. ALVES, A, E, S. **A MEMÓRIA COLETIVA, TRABALHO E TRADIÇÕES NA CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DO POVOADO DE ITAIPU-BA**. Itaipu-BA. 2017.

CARDOSO, Jean Carlos. **Cultivo e produção de mandioca (Manihot esculenta Crantz)**. São Carlos: EDUFSCAR, 2012. 24 p.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Curitiba, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/QPr8CLhy4XhdJsChj7YW7jh/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 MAIO. 2022.

EMBRAPA. **Cultivo da Mandioca para o Estado do Amapá**. 2003. Disponível em: <https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Mandioca/mandioca_amapa/clima.htm>. Acesso em: 30 JUNHO. 2023.

FARIAS, M, X. **O LUGAR DO TRABALHO NA VIDA DAS MULHERES RASPADEIRAS DE MANDIOCA DE ITABAIANA/ PUREZA – RN**. Rio Grande do Norte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/36622/1/LugardoTrabalho_Farias_2014.pdf>. Acesso em: 30 JUNHO. 2023.

FRANCISCO, E, A. **As coisas e os homens: casas de farinha, cultura material e experiências do cotidiano das farinhadas**. Ceará, 31 de janeiro de 2017. Disponível em: <<file:///C:/Users/Josâine/Downloads/editorx08,+Gerente+da+revista,+Francisco++337+-+360.pdf>>. Acesso em: 10 MAIO. 2023.

FONSECA, W, L. et al. **CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DO ÉXODO RURAL NO NORDESTE BRASILEIRO**. Piauí, 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/Josâine/Downloads/1422-7087-1-PB.pdf>>. Acesso em: 30 JUNHO. 2023.

KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba, PR: Intersaber, 2014.

MOYSÈS, Gerson Luís Russo; MOORI, Roberto Giro. Paraná, 11 de outubro de 2007. **COLETA DE DADOS PARA A PESQUISA ACADÊMICA: UM ESTUDO SOBRE A ELABORAÇÃO, A VALIDAÇÃO E A APLICAÇÃO ELETRÔNICA DE QUESTIONÁRIO.** Disponível em: <https://abepro.org.br/biblioteca/ENEGET2007_TR660483_9457.pdf>. Acesso em: 25 MAIO. 2022.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. Cartografias ribeirinhas. **Saberes e Representações sobre práticas sociais cotidianas de Alfabetizando amazônicas.** Belém: Eduupa, 2008, 2.ed.

OLIVEIRA, Renato Lima. SANTOS, Jaqueline Sgarbi. ZULIANI, Daniela Queiroz. São Cristovão, 2019. **CASAS DE FARINHA: RESISTÊNCIA E TRADIÇÃO NO MACIÇO DO BATURITÉ.** Disponível em: <[file:///C:/Users/Downloads/12238-Texto%20do%20artigo-33936-1-10-20190930%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Downloads/12238-Texto%20do%20artigo-33936-1-10-20190930%20(1).pdf)>. Acesso em: 25 MAIO 2022.

PACHECO, A, D, C. SANTOS, S, L. CASTILHO, C, J, M. **CONDIÇÕES DE TRABALHO EM CASAS DE FARINHA: CONTINUIDADE OU MUDANÇA NO TEMPO-ESPAÇO?.** 2017. Disponível em: <[Condições de trabalho em casas defarinha.pdf](Condições_de_trabalho_em_casas_defarinha.pdf)>. Acesso em: 25 MAIO 2022.

PIANA, Maria Cristina. **A pesquisa de campo.** São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830389-06.pdf>>. Acesso em: 23MAIO. 2022.

SANTOS, C. **O que mudou na vida dos trabalhadores de casas de farinha?.** 12 de julho de 2021. Disponível em: <<http://www.uesb.br/noticias/o-que-mudou-na-vida-dos-trabalhadores-de-casas-de-farinha/>>. Acesso em: 08 MAIO 2023.

SANTOS, M, O. et al. **CASAS DE FARINHA: REFLEXÕES ACERCA DOTRABALHO E EDUCAÇÃO EM COMUNIDADES TRADICIONAIS DO INTERIOR DA BAHIA.** 2018. Disponível em: <Casas_de_farinha_reflexões_a_cerca_dotrabalho_e_educação.pdf>. Acesso em: 25 MAIO 2022.

SEBRAE. A importância do estímulo das prefeituras ao associativismo. 2021. Disponível em: <<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/a-importancia-do-estimulo-das-prefeituras-ao-associativismo.48b1438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD#:~:text=O%20associativismo%20viabiliza%20maior%20participação,organizada%20e%20o%20poder%20público>>. Acesso em: 30 JUNHO. 2023.

SILVA, Grazielle Roberta Freitas, et al. **ENTREVISTA COMO TÉCNICA DE PESQUISA QUALITATIVA.** Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3614/361453972028.pdf>>. Acesso em: 23 MAIO. 2022.

SAVIANI, Dermevel. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação. V 12, N34. Jan/abr, 2007.

UESB. **Como as casas de farinha constroem identidades?**. 2019. Disponível em: <<http://www.uesb.br/noticias/como-as-casas-de-farinha-contribuem-para-construcao-de-identidades/>>. Acesso em: 19 MAIO. 2023

UNIFAP. **Tipos de Pesquisa.** 2012. Disponível em: <<https://www2.unifap.br/midias/files/2012/03/022.pdf>>. Acesso em: 26 MAIO 2022.

VITÓRIA, S. **Alese reconhece a importância histórico-cultural do fazer das casas de farinha.** 2022. Disponível em: <<https://al.se.leg.br/alese-reconhece-a-importancia-historico-cultural-do-fazer-das-casas-de-farinha-em-sergipe/>>. Acesso em em: 19 ABRIL. 2023.

APÊNDICES

Foto 01 - Entrada da Casa de Farinha



Fonte: Acervo da autora

Foto 02 – Interior da casa de farinha



Fonte: Acervo da autora

Foto 03 - Trabalhador triturando a mandioca



Fonte: Acervo da autora

Foto 04 - Processo de “torrar” a farinha



Fonte: Acervo da autora

Foto 05 - Farinha pronta para ser ensacada



Fonte: Acervo da autora

Foto 06 - Casca da mandioca para reaproveitar



Fonte: Acervo da autora

Foto 07 - Mandioca para ser feita a farinha



Fonte: Acervo da autora

Foto 08 - Mandioca sendo prensada



Fonte: Acervo da autora

Foto 09 - Homens trabalhando na prensa



Foto 10 - Trabalhadores lavando a mandioca



Fonte: Acervo da autora

Foto 11 - Forno a lenha



Fonte: Acervo da autora

Fonte: Acervo da autora

Foto 12 - Mandioca em repouso



Fonte: Acervo da autora

Foto 13 - Reunião com alguns produtores



Fonte: Acervo da autora



Roteiro para o Questionário

Investigando as concepções do possível abandono de indivíduos que trabalhavam/trabalham em casas de farinha no Distrito de Igara Senhor do Bonfim - BA

1º Você acha que a falta de incentivo pelas pessoas da própria comunidade e pelas políticas públicas pode gerar o abandono deste ramo de trabalho?

() SIM ou () NÃO

2º Você acha que a carga horária neste ramo de trabalho é desgastante?

() SIM ou () NÃO

3º É possível que a carga horária de trabalho influencie para que as pessoas abandonem a casa de farinha?

() SIM ou () NÃO

4º O êxodo rural é um processo que se dá quando pessoas mudam da zona rural para a zona urbana. Você acha que o trabalho na casa de farinha ou qualquer outro trabalho que envolva a mesma pode influenciar para que as pessoas mudem para a cidade em busca de outras oportunidades?

() SIM ou () NÃO

5º Sobre as questões climáticas, você acha que isso pode interferir na produção de mandioca?

() SIM ou () NÃO

6º A cerca das questões climáticas, por exemplo, a falta de chuva pode ocorrer interferência no abandono dos trabalhadores?

() SIM ou () NÃO

7º Você acha que a renda através deste trabalho é baixa para o sustento?

() SIM ou () NÃO

8º Você era/é produtor de mandioca?

() SIM ou () NÃO

9º Você compra/comprava a mandioca de terceiros?

() SIM ou () NÃO

10º Você trabalha/trabalhava na produção de derivados da mandioca?

() SIM ou () NÃO

11º Nos dias atuais, ainda conseguem produzir a mandioca de forma bem rentável?

() SIM ou () NÃO

12º Sobre as pessoas que ainda trabalham você acha que se houvesse uma sociedade de forma responsável juntamente com a Associação dos Trabalhadores Rurais do local haveria uma redução de abandono deste trabalho?

() SIM ou () NÃO

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar este Trabalho de Conclusão de Curso às seguintes pessoas:

Primeiramente a Deus.

A minha mãe Rosângela, minha irmã Rosâine que sempre me apoiaram e nunca deixaram que eu desistisse da faculdade, que sempre me incentivaram, são minhas maiores inspirações.

A minha turma querida 2018.1.

A meus amigos de turma Toniclécio, Madson, Wisla e Daniel que sempre estão comigo me apoiando seja nos momentos bons ou ruins e que sempre acreditaram e acreditam que sou capaz.

As minhas amigas íntimas que sempre me apoiam.

A minha amiga Laura, mesmo distante, sempre me deu apoio e sempre acreditou em mim.

Aos amigos que me ajudaram neste trabalho que foram Toniclécio e Wesley. Se não fossem por eles não teria conseguido concluir.

Aos professores do curso que através de seus ensinamentos permitiram que eu pudesse hoje estar concluindo este trabalho.

As minhas professoras orientadoras que durante todo o percurso me acompanharam dando o auxílio necessário para a elaboração deste trabalho.

E a todos que participaram da pesquisa, pela colaboração e disposição no processo de obtenção de dados.